

DIMENSÃO ÉTICA E EPISTEMOLÓGICA: AS CONTRIBUIÇÕES DE ARISTÓTELES PARA A FORMAÇÃO HUMANA NA ATUALIDADE

Enviado em: 06/02/2015

Aprovado em: 20/08/2015

Mateus de Freitas Barreiro¹
Alonso Bezerra Carvalho²

RESUMO

Este artigo objetiva trazer contribuições filosóficas de Aristóteles para a Educação Contemporânea. Em *Ética a Nicômaco*, Aristóteles destaca a importância do vínculo entre as pessoas para que, através da amizade seja possível formar um cidadão ético e participante da comunidade política com disposição de caráter para o conhecimento. Deste modo pensamos ser possível resgatar a formação ética que Aristóteles atribui à função do cidadão na *pólis*, através da elucidação da amizade como um meio para se relacionar com o outro, trazendo à tona uma questão atual e de complexa resolubilidade, quando se depara com as fragilidades dos elos afetivos e sociais dentro e fora da sala de aula. A formação ética não ocorre apenas pela razão e assimilação de conteúdos, mas sua efetivação pressupõe a existência de uma troca que deverá ser permeada por uma disposição emocional principalmente entre professor e aluno, condição que coloca a amizade como fundamental nessa relação para a formação ética através das virtudes morais e intelectuais. Por fim, procura-se repensar Aristóteles em consonância com autores contemporâneos para subsidiar a discussão sobre a importância de formar um sujeito para o trabalho e para a cidadania.

PALAVRAS-CHAVES: Aristóteles, ética e educação.

ABSTRACT

This article aims to bring philosophical contributions of Aristóteles for Contemporary Education. In the Nicomachean Ethics, Aristóteles emphasizes the importance of the link between people so that, through friendship is possible to form an ethical citizen and participant of the political community with character layout for knowledge. Thus thought possible rescue ethics training Aristotle gives the function of the citizen in the polis, through the elucidation of friendship as a way to relate to each other, bringing up a current issue and solving complex, when faced with the weaknesses of affective and social links inside and outside the classroom. Ethics training is not just for the reason and assimilation of content, but its implementation requires the existence of an exchange to be permeated by an emotional disposition mainly between teacher and student, a condition that puts friendship as fundamental in this regard for ethics training through the moral and intellectual virtues. Finally, looking rethink Aristóteles in line with contemporary authors to support the discussion about the importance of forming a subject for work and citizenship.

¹ Mestrando na Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP – Pós-Graduação em Educação. E-mail: mateusvsky@hotmail.com

² Professor Adjunto da UNESP, no Departamento de Educação da Unesp/Assis e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp/Marília -SP

KEY WORDS: Aristotle, ethics and education.

INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva trazer contribuições filosóficas de Aristóteles para a Educação Contemporânea. Ao resgatar a formação ética que Aristóteles atribui à função do cidadão na *pólis*, através da elucidação da amizade como um meio para se relacionar com o outro, vem à tona uma questão atual e de complexa resolubilidade, quando se depara com as fragilidades dos elos afetivos e sociais dentro e fora da sala de aula. A educação caminhou sempre próxima da filosofia desde a Antiguidade, pois a filosofia se constituiu como uma intenção educacional de formar o ser humano. Já a cultura contemporânea, é influenciada pela forma científica de fundamentar o conhecimento. Contudo, por mais importante que seja a ciência para a construção da educação, ela não pode descartar, em nossa visão, a análise de um viés filosófico para o entendimento de conceitos como os de amizade e virtude, relacionando-os ao contexto social contemporâneo, visando auxiliar a educação a trabalhar a própria contribuição científica. Portanto, ao aproximar a antiguidade e a pós-modernidade, é preciso ter como orientação alguns pressupostos citados por Cambi (1991), que auxiliam a nortear a pesquisa, dentre os quais: submeter os problemas de hoje a uma indagação científica do passado, confrontando-o em suas diferenças com o presente; aprender a relativizar ideias e ampliar as possibilidades pedagógicas dos educadores, tendo em vista que a educação não é um “destino”, mas uma construção social que se renova. (CAMBI, 1999, p.13).

Embora a filosofia da educação tenha um caráter epistemológico, ao levantar questões sobre o processo de produção e sistematização do conhecimento presente, é preciso considerar que a educação é também de natureza prática, não se deixando reduzir a um simples objeto, pois pressupõe mediações subjetivas de todos aqueles que estão envolvidos com ela. (SEVERINO, 1990, 22-23). Portanto, a filosofia se relaciona com as ciências através de uma complementariedade nos termos conceituais postulados por Aristóteles. Assim, a partir da formulação deste filósofo em relação ao conceito de amizade, pretende-se com esta pesquisa tornar o professor e o aluno sujeitos responsáveis não apenas pela produção (*poiesis*), mas também pela ação (*praxis*), como postulava o pensador grego.

Para que a reflexão sobre uma “ética aristotélica da amizade” se torne uma práxis, é fundamental que na formação dos professores, seja de fato, desenvolvida a capacidade de refletir sobre sua própria prática na sala de aula para formar professores e alunos dentro de uma perspectiva que trabalhe a dimensão ética em conjunto com a dimensão epistêmica - preparando o sujeito para trabalhar e formar-se cidadão.

Portanto, a ética não se limita apenas a um sistema conceitual filosófico sobre como se orientar com base nas regras ou na perpetuação de valores morais, mas antes de tudo, a ética é um hábito que constitui o sujeito. A ética aristotélica da amizade, invariavelmente carrega em sua semântica uma prática que orienta as ações para o bem dos outros e da equidade coletiva.

Como a pesquisa será fundamentada através de revisão bibliográfica e notícias sobre a sala de aula, irá prevalecer nesse processo, uma tentativa de aprofundamento e ampliação de temáticas que já foram estudadas por outros autores, mas que servirá como fonte de inspiração para repensar à formação dos professores ao enfatizar a relevância de se trabalhar a dimensão ética em conjunto com a dimensão epistêmica – para, como dissemos acima, preparar o sujeito para trabalhar e formar-se cidadão.

A pesquisa pretende investigar o problema central de como a amizade em Aristóteles poderá contribuir para compreender as relações professor-aluno nos dias de hoje. Com isso, será possível entrelaçar a questão da formação à ética e à investigação da hipótese segundo a qual as noções de emoções persuasivas e dos sentimentos de rivalidade como a cólera (*orgê*), a emulação (*zêlos*) e a rivalidade (*philotimia*) estarem imbricadas no conceito de amizade.

Portanto, o modo como os problemas serão investigados na pesquisa, terá como eixo central os resultados em torno das ressonâncias que esta pesquisa poderá ter para contribuir com a formação de professores e alunos. Em seguida, ao final do trabalho, será avaliada a recepção desta pesquisa através de sua divulgação em artigos científicos, jornais, congressos e outros meios de comunicação. Por fim, serão levantados novos problemas para a continuidade de futuras pesquisas.

São vários os textos de Aristóteles, assim como de outros filósofos gregos que podem oferecer contribuições importantes para repensar problemas da

sociedade contemporânea. Aristóteles foi pesquisador, filósofo e precursor de numerosas ciências. Seu lado educador se explica por meio de dois fatos importantes: Aristóteles, além de ter sido professor, foi também fundador de uma escola – o Liceu.

Nossas reflexões aqui serão desenvolvidas a partir de procedimentos específicos de uma pesquisa de caráter bibliográfico, na perspectiva exploratória³ de abordagem qualitativa⁴. Uma pesquisa bibliográfica envolve procedimentos metodológicos que dizem respeito à busca de informações e seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa e o fichamento das referências para utilização posterior (MACEDO, 1995, p.13). O material a ser utilizado na pesquisa em questão refere-se à bibliografia abaixo elencada, a qual poderá ser ampliada ou reduzida conforme o andamento do trabalho. Trata-se de uma pesquisa, essencialmente, teórico-filosófica na área de *Filosofia da Educação* que se desenvolverá por meio da análise, clarificação, compreensão, aprofundamento, contextualização e exposição de conceitos, restabelecimento de movimentos argumentativos, identificação de teses e explicitação de pressupostos. Portanto, o método específico desta pesquisa compreende leitura, fichamento, interpretação e redação de textos paralelos que ajudarão na compreensão do problema geral a ser tratado.

A bibliografia fundamentará teoricamente o objeto de estudo e norteará a compreensão dos pressupostos filosóficos de Aristóteles e comentadores, o que permitirá avaliar as contribuições da amizade entre professor-aluno na formação de um cidadão no plano ético e político, através da construção de um diálogo que possibilite questionar o funcionamento das instituições contemporâneas e também

³ A pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, para explicitar ou construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos para estimular a compreensão. Assume, em geral, as formas de Pesquisas Bibliográficas e Estudos de Caso (GIL,1991).

⁴ Na abordagem qualitativa há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo inseparável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser transposto em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa. Não é preciso o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coletar os dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores geralmente analisam seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (GIL,1991).

utilizar a sala de aula para repensar novas formas de relacionar com o outro que é diferente de si. Ao trazer Aristóteles para atualidade, fica evidente o carácter diacrônico da pesquisa, fazendo-se necessário contextualizar a época em que viveu Aristóteles, e utilizar autores que nos possibilitem fazer esta passagem para entender a sala de aula e a sociedade contemporânea, tendo em vista que o conceito de amizade se modifica nas práticas e significados sociais.

1. A Ética Aristotélica em Nosso Tempo

No dia 12 de agosto de 2014, um adolescente de 17 anos que atirou contra um professor de Biologia, se entregou na manhã do dia 20 do mesmo mês e ano, confessando que a atitude foi motivada pela nota recebida em uma prova ocorrida dias antes. O acontecimento ocorreu dentro da sala de aula dos professores da Escola Estadual Olga Barreto, localizada no conjunto Eduardo Gomes, município de São Cristóvão, região metropolitana de Aracaju (SE) (ROLEMBERG, 2014).

O adolescente contou passo a passo seus motivos de ter atirado contra o docente. Segundo ele, no último dia 6, o professor fez uma revisão em sala de aula para a prova do dia seguinte. Contudo, segundo o jovem, o conteúdo da prova não foi o mesmo que o professor teria passado na revisão, resultando em frustração e fúria, conforme o próprio descreveu à polícia (ROLEMBERG, 2014).

Após ser ouvido no DHPP, o estudante foi encaminhado a Delegacia Especial de Proteção à Criança e ao Adolescente sendo conduzido no dia seguinte para USIP (Unidade Socioeducativa de Internação Provisória) onde deveria permanecer por até 45 dias (ROLEMBERG, 2014). O professor foi conduzido a um hospital que, após realizar o atendimento, expediu o seguinte boletim:

“A direção do Hospital de Urgência de Sergipe (Huse) informa que o professor Carlos Cristian Góis Almeida, vítima de arma de fogo, já foi operado e segue internado na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do HUSE em estado gravíssimo com instabilidade hemodinâmica, em uso de medicação vasoativa, sedado e respirando por aparelhos”. (SUSSANA, 2014)

Uma semana após a tentativa de assassinato a tia do professor, também professora há 25 anos, relata em uma carta: “O magistério sempre significou para mim a porta de entrada para um país melhor, mais consciente. Somos uma família de professores. [...]”.

A tia do professor afirma ainda que é preciso "diminuir a distância entre os jovens e os adultos" e "aprender e ensinar a estabelecer vínculos". "Mas... eu não lhe ensinei como lidar com um revólver" (SUSSANA, 2014).

A notícia reproduzida desperta perplexidade e sentimentos que impulsionam a pensar sobre fragilidade dos elos que permeiam as relações pessoais, dentro e fora da sala de aula. A fala da tia do aluno que atirou contra o professor, suscita a formulação de questionamentos que são relevantes para a escola e sociedade: Como formar um cidadão autônomo que contribua para a construção de uma sociedade mais ética e igualitária? Como fortalecer os vínculos afetivos dentro e fora da sala de aula?

Entender e encaminhar soluções para a questão da violência escolar e suas causas implícitas tal como reproduzida na notícia acima, tem sido um desafio para grande número de estudiosos da educação em várias partes do mundo, já que este não é um problema apenas do Brasil. O propósito aqui não é o de encontrar uma solução final para problema de tamanha complexidade, mas tão somente acrescentar algumas reflexões trazidas por filósofos, especialmente de Aristóteles, que poderão contribuir para melhor compreender a relação entre os agentes envolvidos na sala de aula e agregar pressupostos éticos a partir do encontro com o outro que é diferente de si mesmo.

Como foi dito acima, percorrer os vários os textos de Aristóteles, assim como de outros filósofos gregos podem oferecer contribuições importantes para refletirmos sobre os problemas da sala de aula na sociedade contemporânea, pois Aristóteles além de filósofo foi também precursor de numerosas ciências. Mais do que isso, lembrando o que acima foi dito, Aristóteles foi professor e fundador do Liceu.

A amizade é uma temática que foi destacada por diversos filósofos da antiguidade⁵, mas a importância de estudar Aristóteles, além de subsidiar as discussões contemporâneas sobre o tema, reside em sua primazia: foi o primeiro tratado sistematizado sobre ética, que abrange o agir humano e as relações entre os indivíduos, o que destaca sua importância na história da filosofia. Porém esse importante tema aristotélico foi se perdendo já no período renascentista. O tema

⁵ Platão dedicou a esse tema um diálogo inteiro sobre a amizade em (*Lísis*); Aristóteles postulou suas reflexões principalmente em dois livros (oitavo e nono) da *Ética Nicomaquéia*, e depois deles, Epicuro, Sêneca e Cícero (BALDINI, 2000, p.10-11).

amizade foi sendo deixado de lado, merecendo poucas referências dos filósofos⁶. Atualmente o tema da amizade, vem sendo retomado por psicanalistas, educadores, sociólogos e outros pensadores que visam compreender os meandros das relações humanas em diferentes contextos institucionais.

No livro “Amizade & Filósofos”, Baldini (2000) organizou uma coletânea de textos de autores que postulam diferentes concepções sobre o conceito de amizade. Nesta coletânea, o conceito de amizade para Aristóteles é descrito como uma virtude e categorizado em três tipos: em *amizades acidentais* que são aquelas *passageiras*, e ocorrem principalmente entre as pessoas idosas (que procuram utilidade), entre jovens (que procuram o prazer) e a *amizade perfeita* que é diferente por ocorrer entre os “homens de bem” e os “semelhantes na virtude” (BALDINI, 2000, p.14). Além da coletânea de Baldini sobre os principais pensadores da amizade, há o livro “Genealogias da Amizade” de Ortega, que segundo o autor não é um livro essencialmente filosófico, que pretende analisar a amizade de Platão à Montaigne, procurando também focalizar uma perspectiva genealógica, para contextualizá-los e introduzi-los em uma reflexão maior (ORTEGA, 2002, p.12).

No artigo “As três formas de Amizade na ética de Aristóteles”, Pichler segue a mesma linha que Baldini, ao descrever a amizade como uma virtude, e que se apresenta em três formas distintas (PICHLER, 2004, p.192-193). A descrição da amizade como uma virtude e sua caracterização em três formas diferentes, foi unanimidade⁷ entre os comentadores de Aristóteles, embora haja diferenças entre eles na interação do conceito de amizade com outros conceitos aristotélicos em temáticas distintas⁸.

No âmbito da relação entre filosofia e educação o tema da amizade, foi também estudado por Selles com o título: “La educación de la amistad: una aproximación conceptual” que relaciona o conceito de amizade entre os principais pensadores da História da Filosofia e sua relação com a Educação (SELLES, 2008).

⁶ “Bacon, por exemplo, trata disso apressadamente, dedicando-lhe umas poucas páginas em seus célebres *Ensaíos* e Kant faz o mesmo em suas *Lições de Ética*. Schopenhauer, Nietzsche e Croce também escrevem sobre a amizade, mas apenas, pode-se dizer, com a mão esquerda” (BALDINI, 2000, p.11).

⁷ “Portanto, há três espécies de amizade” (ARISTÓTELES, 2012, p.165).

⁸ Alvez direcionou seus estudos relacionando a amizade com a questão da Justiça e Equidade (ALVES, 2012, p.433-450); Viano investigou uma possível origem comum, entre o conceito de amizade e emoções competitivas como a cólera (*orgê*), a emulação (*zêlos*) e a rivalidade (*philotimia*) (VIANO, 2008, p.15).

Os comentadores⁹ do campo da filosofia são fundamentais para a compreensão dos conceitos de Aristóteles na formulação de uma problemática interligada com o campo da educação. Dentro da área da Filosofia da Educação, há alguns autores que trazem Aristóteles para o campo da educação através de temas variados, no entanto, a bibliografia ainda é escassa¹⁰. Mais escassa ainda quando o tema é delimitado ao conceito de amizade aristotélica em conjunto com a área da educação¹¹. O tema da amizade elucidado por Aristóteles, é inserido no ramo de conhecimento das ciências práticas que tem como fundamento o estudo da ética e da política. O intuito dessas ciências é instigar a prática de condutas virtuosas na comunidade política.

O contexto político em que Aristóteles viveu, presenciou um momento em que a Grécia estava em meio a dois modelos políticos: o de Atenas, que visava a democracia e a liberdade, embora sofresse pela instabilidade e corrupção, e o modelo espartano, oligárquico, visando uma sociedade subordinada à *pólis*. A disputa de partidos na Grécia resultou em um cenário de guerra que gerou problemas como miséria, injustiça social, e enfraquecimento da ética. A disputa entre esses dois modelos exerceu grande influência em algumas obras de Aristóteles para construção do conceito de amizade.

Outros filósofos pré-socráticos da Grécia antiga também exerceram influência sobre o pensamento de Aristóteles. O centro de convergência entre os pré-socráticos é o estudo da natureza do mundo (*physis*) para compreender aquilo que originou e deu princípio a todas as coisas. Atribui-se, a Pitágoras a distinção entre

⁹ Embora muitos comentadores da obra de Aristóteles discorram sobre o conceito de amizade na forma de capítulos ou em algumas passagens, podemos destacar o livro “Amizade em Aristóteles” (NETO,1999) por ser dedicado exclusivamente a estudar a teoria da amizade aristotélica, dividindo o texto em duas partes fundamentais, na primeira o texto em português e a segunda em grego.

¹⁰ Hourdakis escreveu o livro “Aristóteles e a Educação” dedicando a inserção do pensamento de Aristóteles no campo da educação a partir da ética e política. Nas referências Bibliográficas, Hourdakis dedica uma parte de Estudos de Aristóteles e a Educação citando autores de diversos países (HOURDAKIS, 2001). Além das bibliografias citadas por Hourdakis, podemos citar o livro de Genci, na versão traduzida tem o título de “Aristóteles & a Educação” (CENCI,2012). Já Schmied-Kowarzik inseriu Aristóteles dentro da pedagogia dialética vinculada aos estudos de Paulo Freire (KOWARZIK, 1983).

No artigo La educación como ideal de Estado: reflexiones en torno al libro VIII de la Política de Aristóteles, Muñoz discute a política e a função do cidadão na pólis grega, e ao inserir Aristóteles no campo educacional para refletir problemas contemporâneos que apontam para um caminho de interesses individuais e particulares voltados ao mercado (MUÑOZ, 2013). A nível de mestrado, foi encontrada a dissertação “Da Vertigem Aristotélica à Educação Contemporânea” (CRUZ, 2013).

¹¹ Carvalho e Colombani dedicaram pesquisas relacionando amizade de Aristóteles com o conceito contemporâneo de sala aula (CARVALHO, 2010).

sophia, o saber, e a *philosofia*, que é a “amizade pelo saber”, a busca do saber (JAPIASSÚ, 2001, p.77). Gobry acrescenta que a amizade para Pitágoras é um elo concebido na forma igualdade: *isótes*. (GOBRY, 2007, p.112). Além de Pitágoras, outros pré-socráticos também discutiram a questão da amizade, Empédocles discutiu a amizade como o ponto de união de todas as coisas, enquanto o ódio é concebido como a separação dos elementos. Já Sócrates descreve a amizade através da reflexão a respeito da alma como sendo a essência do homem, um de seus atributos é a amizade, concebida como valor moral.

A problemática a respeito da amizade, também foi discutida por Platão que procurou descreve-la através dos diálogos, entre eles o de *Lísis*. O conceito de amizade é de difícil delimitação na obra de Platão, pois requer primeiramente a distinção entre o amante e o amado. Ao longo do diálogo, Platão demonstra três teses e em seguida refuta cada uma delas. Na primeira a amizade é caracterizada nos moldes dos poetas, isto é, como agregação entre semelhantes e iguais. A segunda é a visão dos filósofos que é oposta à primeira, uma vez que a amizade é constituída pela junção entre os contrários. E a terceira tem por fim a conciliação entre as duas teses anteriores.

Zeferino destaca que embora o diálogo *Lysis* tenha o subtítulo “sobre a amizade”, o tema gira em torno do amor de Hypotales por Lysis, o que evidencia que nos diálogos platônicos existe uma ambiguidade semântica no emprego dos termos “*eros*” e “*philia*” (ROCHA, 2006, p.67). A palavra amizade e amor pairam no imaginário das pessoas e dos estudiosos em diversos períodos históricos, mas Aristóteles foi o primeiro pensador a dar profundidade e delimitação ao conceito de amizade.

A importância principal de Aristóteles no que diz respeito à amizade, difere de Platão e outros filósofos, tendo em vista que o objetivo não é a busca de uma amizade idealizada entre os pares, mas de uma amizade que visa o bem para todos os que pertencem à comunidade política, pois em sua concepção o homem nasceu para ser um cidadão. Não obstante, a amizade é inerente à virtude e indispensável para alcançar a felicidade através dos laços entre os que preconizam praticar o bem supremo (*eudaimonía*) na *pólis*.

Logo na primeira página do livro VIII de *Ética a Nicômaco*, Aristóteles define a amizade como “uma virtude ou implica virtude e, além disso, é extremamente necessária à vida” (ARISTÓTELES, 2012, p.163). Como dissemos anteriormente, há três espécies de amizade discutidas por Aristóteles, e algumas características destas amizades nos ajudam a por em pauta os vínculos encontrados na sala de aula nos dias de hoje.

Os três tipos de amizade são voltados a diferentes finalidades (*télos*) sobre os objetos de amor. Aristóteles inicia descrevendo que a “amizade perfeita é aquela que existe entre os homens que são bons e semelhantes na virtude, pois tais pessoas desejam ao outro de modo idêntico, e são bons em si mesmos” (ARISTÓTELES, 2012, p.167). Há, portanto a noção de praticar bem acima de qualquer recompensa imediata, uma vez que os cidadãos devem ser virtuosos para praticar a reciprocidade com os demais.

Já a amizade por *prazer* e *utilidade* é considerada por Aristóteles como acidental e não duradoura, uma vez que essas formas de amizades não visam alcançar a virtude para o bem recíproco de todos, mas tem por finalidade se beneficiar apenas as vantagens proporcionadas pelo prazer ou utilidade entre os pares. Para Aristóteles o útil é aquilo do qual resulta algo que se relaciona ao bom ou agradável, assim apenas o bom ou agradável merecem serem amados como uma finalidade (ARISTÓTELES, 2012, p.165). Desta forma, os homens que objetivam a *utilidade* buscam reciprocamente algum bem imediato, como riquezas, objetos inanimados e honras.

A amizade na utilidade é própria dos homens com espírito mercantil, esta amizade só se mantém enquanto houver vantagens. Mas para Aristóteles, o amor em relação aos objetivos inanimados não se caracteriza uma amizade, pois não ocorre reciprocidade de afeição, e tampouco um deseja bem ao outro (ARISTÓTELES, 2012, p.165). As amizades baseadas no prazer e utilidade são imperfeitas, tendo em vista os motivos que envolvem os vínculos entre os amigos são transitórias, pois a amizade poderá se extinguir se não houver mais vantagens comuns ou uma relação de troca.

Aristóteles sustenta que “a amizade ajuda os jovens a evitar o erro; ajuda os mais velhos, amparando-os em suas necessidades e suprimindo as atividades que

estimulam a prática de nobres ações, pois com amigos – “dois que andam juntos” – as pessoas são mais capazes de agir e de pensar” (ARISTÓTELES, 2012, p.163). O pressuposto básico da amizade sintetizado em “dois que andam juntos”, nos dá elementos para entendermos como ocorre o vínculo entre professor e aluno na Grécia antiga e que nos pode proporcionar boas reflexões para a educação atual.

Assim é possível constatar que a amizade para Aristóteles ocorre entre os iguais e desiguais. O filósofo não é a favor de uma estabilidade que elimine a diversidade dentro da atividade humana e política, mas a sua concepção de cidade não visa uma cidade completa e plenamente estável, pois os conflitos contingentes representam como uma condição da própria vida cívica. É possível notar que na filosofia Aristotélica não existe uma amizade una e indivisível, mas várias formas de amizade, constituídas em diferentes categorias e significados que tem em comum não apenas uma simples ligação afetiva entre os membros da comunidade, pois a amizade diz respeito a uma ação virtuosa marcada pela reciprocidade na prática do bem. A questão da amizade entre os desiguais e a reciprocidade é fundamental nos dias atuais, principalmente pensando na questão da educação, tendo em vista que na sala aula há conflitos onde os sujeitos tendem a ser indiferentes com os demais por conta dos interesses individuais que estão acima dos coletivos.

Vejamos então algumas ideias desse filósofo, que estão em conexão com nossas indagações. Aristóteles (e também outros filósofos gregos da antiguidade) dizia que para formar o indivíduo era necessário resgatar bem o sentido da *Paidéia* grega, ou seja, para ele, a formação dos indivíduos não se deveria restringir a um processo de transmissão de conteúdos, mas os agentes do processo deveriam participar dos argumentos racionais, e também se alimentar dos impulsos passionais (CARVALHO, 2010, p.3). A importância de aspectos emocionais e racionais para a formação do indivíduo e aprendizagem em Aristóteles, também é destacada por Hourdakís que relaciona virtudes morais à generosidade e à temperança; já as virtudes intelectuais correspondem à sabedoria e à inteligência (HOURDAKIS, 2001, p.59).

Portanto, Aristóteles preconizou vincular o ensino associando ética e política à formação moral e à participação do cidadão na *Pólis*, visando integrar os conteúdos

racionais e a formação ética¹² do cidadão, a partir da virtude intelectual e moral: a primeira é proveniente do ensino, a segunda é resultado do hábito, sendo que tais virtudes não são inatas, mas emanam do hábito.

2. Aristóteles e a Sala de Aula

O estudo de Aristóteles nos leva a retomar a amizade na sala de aula, visando contribuir para com a formação cidadã do aluno, através da conciliação entre as esferas racionais e emocionais na relação professor-aluno. Neste sentido, o que a filosofia de Aristóteles poderá nos ensinar para repensar a sala de aula nos dias de hoje?

O estudo de Aristóteles é pertinente e atual quando se vê na sociedade e nas escolas problemas como violência escolar, sentimentos de rivalidade entre professor-aluno e resistência dos alunos para se envolver com questões referentes ao aprendizado de conteúdos que muitas vezes não tem uma relação com o cotidiano. A proposta de estudar a amizade para Aristóteles vem ao encontro dessas questões atuais citadas acima, o que nos leva a pensar sobre a importância do professor-cidadão em incorporar preceitos éticos visando aprimorar sua prática dentro e fora das escolas.

A sala de aula é um lugar socialmente instituído no espaço físico escolar, onde a relação professor-aluno é permeada por encontros e desencontros, podendo ser dimensionada através das relações de amizades que podem ser transpostas para outros espaços sociais que proporcionem o desenvolvimento de autonomia. Ademais, a filosofia de Aristóteles pode inspirar o desenvolvimento de novas ações educacionais, bem como integrar o sujeito em seu contexto político, preparando-o para problemas que pairam sobre o nosso cotidiano, onde individualismo e egoísmo predominam. Cabe lembrar que a palavra escola – *scholé* - deriva do grego e significa um lugar de ócio cultivado pelos gregos antigos que tinham a convicção de que a desocupação proporcionava tempo e espaço para a construção do saber (NOVELLI, 1997, p.47).

⁸ “A ética, como parte da filosofia, é considerada por Aristóteles uma ciência prática – cujo resultado não é exterior ao agente – que, na ordem prática, está situada na dependência da política (cf. *Cidade*) (PELLEGRIN, 2010, p.28).

De acordo com Carvalho a relação entre professor e aluno, sob a óptica da sala de aula, utilizando o tema amizade como elemento provocador de reflexão, pode colaborar na elaboração de saídas significativas para a violência e conflitos dentro da escola, favorecendo inclusive, um modo alternativo sobre o saber que ali circula. (CARVALHO, 2010, p.12).

É evidente que se discutirmos a relação entre professor-aluno na atualidade, sem delimitar as diferenças advindas deste vínculo, haverá uma incongruência de ordem epistemológica e pedagógica. Embora haja esta diferença entre o professor-aluno, este encontro é constituído em um espaço comum – a sala de aula, que pode ser um lugar não apenas voltado para a aprendizagem de conteúdos utilitaristas, mas um lugar onde também é possível se relacionar com outro democrática e eticamente, contribuindo para a formação de um sujeito com senso de justiça e responsabilidade perante a sociedade, ou seja, ao outro. O mestre não é aquele que transmite verdades para o discípulo memorizar, como se não houvesse uma história de vida e uma realidade social entrelaçada quer poderia ser o ponto de partida para a construção e interlocução com o conhecimento, que construído a partir de um diálogo questionador sobre as instituições contemporâneas, poderia, criar subsídios para formar um cidadão virtuoso, inserido nas discussões éticas e políticas como preconizava Aristóteles.

A pós-modernidade¹³ é um período em que a sociedade está passando por um processo de perda de sentido moral na educação e em outras áreas. Daí a importância do elo de amizade constituído entre professor-aluno, elo este permeado por emoções/paixões¹⁴ de alteridade extremamente importante para pré-dispor o aluno a uma condição mais favorável à aprendizagem moral e intelectual, e também transpor essas práticas nas suas relações com o outro. Em contrapartida, quando o vínculo professor-aluno fica desgastado e comprometido, acabam emergindo sentimentos de inimizade permeados por emoções/paixões que geram efeitos

¹³ “No mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: qualquer juramento de fidelidade, compromissos a longo prazo, prenunciam um futuro sobrecarregado de vínculos que limitam a liberdade de movimento e reduzem a capacidade de agarrar no vôo as novas e ainda desconhecidas oportunidades. A perspectiva de assumir uma coisa pelo resto da vida é absolutamente repugnante e assustadora.” (PORCHEDDU, 2009, p.662).

⁹ A utilização do termo (emoções/paixões) “em primeiro lugar, deve-se notar que o termo grego *pathe*, geralmente traduzido por paixões, pode ser legitimamente traduzido por emoções. Para marcar a proximidade dos conceitos, vou usar sempre “paixões/emoções”. (PELLEGRIN, 2012, p.95-96).

negativos para formação da virtude moral e virtude intelectual dos alunos no espaço da escola e da sociedade com um todo.

De acordo com Viano (2009), o sentimento de amizade interage com muita frequência com as emoções competitivas como a cólera (*orgê*), a rivalidade (*philotimia*), emoções que, que são em estudadas principalmente em *Retórica*, que permeiam a compreensão sobre as relações humanas (VIANO, 2009, p.1). Em *Ética Nicomaquéia*, Aristóteles diferencia o sentimento de amizade (*philêsis*), que é um *pathos*, um estado emocional, e a amizade propriamente dita (*philia*), como um dispositivo permanente que tem como função ser uma relação de alteridade que é acompanhada por uma escolha deliberada. As emoções/paixões negativas são geradas quando “o ser humano encoleriza-se se alguém se opuser à sua ação ou se alguém não colaborar com ele, ou se, de alguma forma, alguém o perturbar quando estiver em tal estado.” (ARISTÓTELES, 2012, p.88).

De acordo com Carvalho a relação entre professor e aluno, sob a óptica da sala de aula, utilizando o tema amizade como elemento provocador de reflexão, pode colaborar na elaboração de saídas significativas para a violência e conflitos dentro da escola, favorecendo inclusive, um modo alternativo sobre o saber que ali circula. (CARVALHO, 2010, p.12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente a sociedade está passando por um processo de perda de sentido moral na educação e em outras áreas. Daí a importância do elo de amizade constituído entre professor-aluno, elo este permeado por emoções/paixões¹⁵ de alteridade extremamente importante para pré-dispor o aluno a uma condição mais favorável à aprendizagem moral e intelectual, e também transpor essas práticas nas suas relações com o outro. Em contrapartida, o comprometimento do vínculo professor-aluno, acaba gerando sentimentos de inimizade permeados por emoções/paixões que geram efeitos negativos para formação da virtude moral e virtude intelectual dos alunos na sociedade e sala de aula.

⁹ A utilização do termo (emoções/paixões) “em primeiro lugar, deve-se notar que o termo grego *pathe*, geralmente traduzido por paixões, pode ser legitimamente traduzido por emoções. Para marcar a proximidade dos conceitos, vou usar sempre “paixões/emoções”. (PELLEGRIN, 2012, p.95-96).

As questões discutidas até então, referentes à amizade e sua possível relação com o vínculo professor-aluno nos dias de hoje e seus efeitos, nos remete à concepção que Aristóteles tinha da educação, isto é, como uma tarefa de formar o cidadão para habituá-lo a discernir os aspectos relevantes das circunstâncias particulares, para escolher qual a melhor atitude a ser tomada em determinada circunstância. Em suma, pode-se dizer que formar um cidadão virtuoso fora e dentro da escola, consiste em habituá-lo às circunstâncias concretas, a partir de modelos do bom e melhor que estão acima de sua individualidade. O bom vínculo entre professor-aluno facilitará o ensino e possibilitará formar pessoas éticas dentro e fora da escola para contribuir com uma sociedade que nos dias atuais vem se distanciando de sentimentos como a ética, o respeito ao próximo e às relações de empatia em prol de interesses individuais.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. A. Justiça: equidade e amizade em Aristóteles. *ORBIS: Revista Científica*. V.3, n. 1, p. 433-448, 2012.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Editora Martin Claret, 2012.

_____. **Retórica**. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2012.

BALDINI, M. **Amizade & Filósofos**. Trad. Antônio Angonese e Laureano Pelegrini. Bauru: Editora do Sagrado Coração, 2000.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CARVALHO, A. B. Alteridade e amizade na educação: A sala de aula como um espaço ético. In: V Congresso Internacional de Filosofia e Educação, 2010, CAXIAS DO SUL. **Anais do V CINFÉ - Congresso Internacional de Filosofia e Educação**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2010.

CARVALHO, A. B.; COLOMBANI, F. Filosofia e educação: amizade na sala de aula. Unesp. Pró-Reitoria de Graduação. (org.) **Caderno de Formação: Formação de professores: educação, cultura e desenvolvimento**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v.2, p. 60-73, 2010.

CENCI, A. V. **Aristóteles & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, ed1, 2012.

CRUZ, L.S.C. **Da vertigem aristotélica à educação contemporânea**. 2013. Dissertação (Mestrado em Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Salvador, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOBRY, I. **Vocabulário grego da filosofia**. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins, 2007.

HOURDAKIS, A. **Aristóteles e a Educação**. Trad. Luiz Paulo Rounet. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Zahar, 1993.

MACEDO, N. D. **Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. São Paulo. Edições Loyola, 1995.

MORAES, J. J. **A amizade em Aristóteles**. Londrina: Uel, 1999.

MUÑOZ, Y. La educación como ideal de Estado: reflexiones em torno al libro VIII de la Política de Aristóteles. **Revista Lasallista de Investigación**, vol.10, núm. 2, julio-diciembre, 2013, pp. 118-127, Corporación Universitaria Lasallista Antioquia, Colombia.

NOVELLI, P. G. A sala de aula como espaço de comunicação. **Revista Interfaces, Botucatu - SP**, v. 1, p. 43-50, 1997.

ORTEGA, F. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras Ltda, 2002.

PELLEGRIN, P. **Vocabulário de Aristóteles**. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

PICHLER, N. A. As três formas de amizade na ética de Aristóteles. **Ágora Filosófica**. Ano4, n.2, jul/dez, 2004.

PORCHEDDU, Alba. Zygmunt Bauman: **Entrevista sobre a Educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida**. Cad. Pesqui., São Paulo ,v. 39,n. 137, Aug. 2009.

ROCHA, Zeferino. O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles. **Psychê**, v. 10, n. 17, p. 65-86, 2006.

ROLEMBERG, Paulo. Aluno confessa que atirou em professor por causa de nota baixa. Publicado em: 20 ago. 2014. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2014/08/20/aluno-de-17-anos-confessa-que-atirou-em-professor-por-caoa-de-nota-baixa.htm>. Acesso em 18/09/2014.

SELLÉS, J. F. La educación de la amistad: una aproximación conceptual. **Educación y Educadores**, v. 11, n. 1, 2008.

SEVERINO, A. J. A contribuição da filosofia para a educação. Aberto, p. 19-25, 1990.

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VIANO, Cristina. Amizade e emoções de rivalidade em Aristóteles: uma origem comum? **Journal of Ancient Philosophy**, Vol. II. p. 1-15, 2008.

YEPES M. W. A. La educación como ideal de Estado: reflexiones en torno al libro VIII de la Política de Aristóteles. *Rev. Lasallista Investig.* [online]. 2013, vol.10, n.2, pp. 118-127. ISSN 1794-4449.